

Apresentação

No contexto do Ano da França no Brasil em 2009, este número 39 da Revista Letras propõe releituras cruzadas tendo a França como eixo norteador e, como polo de irradiação, suas relações culturais e literárias com o Brasil e com o mundo francófono. Assim, o primeiro artigo, *Presença da língua e da literatura francesa no Brasil (Para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros)*, texto da conferência proferida na Academia Brasileira de Letras pelo escritor e ensaísta Silviano Santiago, o autor salienta momentos emblemáticos da história dos afetos culturais franco-brasileiros. Valendo-se do conceito de “história de longa duração”, de Fernand Braudel, ele desmobiliza o arsenal teórico da teoria antropofágica, para compreender os afetos que unem as culturas do Novo Mundo com a Europa.

A também escritora e ensaísta Lise Gauvin, atual presidente da Academia de Letras do Quebec, em *Post ou péri-colonialisme : le laboratoire québécois*, analisa a situação da literatura do Quebec em relação à França, enfocando os últimos debates sobre a noção de francofonia. Ela considera que os conflitos vividos por escritores francófonos cria neles uma superconsciência linguística, aspecto que é analisado na obra de alguns escritores quebequenses como Michel Tremblay, Francine Noël, Réjean Ducharme e Jacques Poulin.

No artigo *As alteridades do mundo num Brasil barroco*, a professora de literatura brasileira na Universidade Rennes II, Rita Olivieri-Godet, interroga as figurações do Brasil no romance *Là où les tigres sont chez eux*, de Jean-Marie Blas de Roblès. Ela mostra que as imagens do Brasil projetadas em obras literárias francesas atuais resultam de relações complexas que se estabelecem entre a experiência que os escritores franceses têm, cap-

tando os elementos de sua realidade e o conjunto de representações que circulam no imaginário social francês.

Em *França-Brasil: elementos para uma Relação*, Eurídice Figueiredo e Paula Glenadel enfocam a presença francesa na literatura e na cultura brasileiras, do romantismo com seu indianismo à la Chateaubriand até o modernismo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Buscam também refletir sobre o papel do ensino do francês no Brasil ou no eixo das relações coloniais, a partir do pensamento de Jacques Derrida e Edouard Glissant.

André Soares Vieira mapeia as origens arquetípicas das figuras do trapaceiro e do bufão em sua inserção no âmbito literário em *Do Roman de Renart ao romance picaresco: os arquétipos da figura do trapaceiro*. O autor remonta às origens do *Roman de Renart*, passando por sua evolução nos *fabliaux* e na figura do *trickster*. Resgata as origens do romance picaresco para finalmente chegar a uma aproximação entre a raposa, o *trickster* e o pícaro, enquanto representantes da figura do trapaceiro universal.

Em “O Éden Féérico dos Desejos”: *Cultura Francesa no Brasil Pré-Modernista*, Maurício Silva analisa a relação da cultura brasileira e mais particularmente da literatura nacional com a cultura francesa bem como as relações dos autores brasileiros com a Academia Brasileira de Letras, destacando os processos de institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX.

No artigo *Imagens fin-de-siècle*, Gilda Vilela Brandão detém-se no problema da dependência da literatura brasileira às formas literárias francesas, visto pela mediação de duas construções ideológico-intelectuais predominantes na sociedade brasileira *fin de siècle*: o nacionalismo e o parisiense. Ela mostra como o assunto é tematizado no conto “Laurinda Belfort”, de João do Rio.

Em *O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico*, Yasmin Jamil Nadaf resgata o percurso histórico do romance-folhetim da França, seu país de origem, ao Rio de Janeiro, cidade que representava o núcleo intelectual do Brasil oitocentista, sua acolhida na imprensa carioca, bem como a assimilação dessa escrita pela ficção brasileira no mesmo período.

Simone Cristina Mendonça, no artigo *Narrativas francesas na Corte de D. João*, mostra que narrativas ficcionais francesas circulavam no Brasil desde meados do século XVIII em traduções portuguesas ou no idioma original. Após a chegada de D. João, algumas narrativas foram impressas na cidade, em traduções. São romances extensos ou contos morais de poucas páginas, que conquistaram o público e permaneceram no imaginário dos leitores.

Já em *A poesia cristã francesa no século XX e sua recepção brasileira*, notas

sobre tradução, Pablo Simpson discute o fato de as vanguardas brasileiras terem se afastado das práticas de tradução de poesia, sobretudo de alguns poetas cristãos franceses, como Paul Claudel, Charles Péguy ou Pierre Jean Jouve. O autor sugere que a tradução dessa poesia poderia ampliar as ressonâncias entre essa tradição e o grupo da revista *Festa*, indicando tendências que estiveram ao lado do projeto modernista brasileiro.

Rosana Apolônia Harmuch mostra que Eça de Queiroz sofreu forte influência da cultura francesa, considerada hegemônica no século XIX, detendo-se em dois textos que discutem essas relações: ‘A Inglaterra e a França julgadas por um inglês’ e ‘O francesismo’, no artigo *A França aos olhos de Eça (e de um cão)*.

Finalmente, em *Desfiando as teias invisíveis da diferença: a experiência do olhar na “Autobiografia americana”, de Dany Laferrière*, Irene de Paula observa as estratégias usadas pelo autor para narrar o encontro com o Outro, com a diversidade cultural e a experiência transcultural. Ela trata especialmente da questão do olhar: como o ato de olhar (ou a sensação de ser olhado) é essencial na descoberta da alteridade, na elaboração subjetiva do “eu” (do narrador) e na construção da escrita em (de) si.

O variado leque de temas aqui abordados aponta, portanto, para a necessidade em se (re)pensar a importância das relações culturais e literárias que o pensamento francês operou em nossa sociedade e em países de língua francesa, disseminando saberes e modulando sensibilidades.

André Soares Vieira e Eurídice Figueiredo
Organizadores